

Os impasses da assunção jubilatória do bebê negro: uma discussão clínico-política¹

Lucas Passos de Moura, Daniela Scheinkman
e Priscilla Melo Ribeiro de Lima

Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica, em que buscamos discutir a leitura da assunção jubilatória do bebê negro realizada pela psicanalista Isildinha Baptista Nogueira e identificar algumas de suas principais implicações clínico-políticas. Segundo nossa análise, essa leitura estaria apoiada, especificamente, nas contribuições de outros dois teóricos do campo psicanalítico, Frantz Fanon e Neusa Santos Souza. Por se apoiar neles, haveria determinada leitura do fenômeno, em que os aspectos negativizantes dos processos de identificação tomariam o foco, relegando outros aspectos possíveis desse acontecimento fundamental para a instituição da vida psíquica. Ao fim, buscamos apresentar uma perspectiva crítica a essa leitura, assim como discutir quais são suas implicações clínico-políticas. O aporte teórico se trata da teoria psicanalítica e de sua possível amplitude diante da crítica da cultura.

Palavras-chave:

Estádio do espelho; Assunção jubilatória; Identificação; Bebê negro.

The trouble of the jubilant assumption of the black baby: a clinical-political discussion

Abstract

This work is the result of bibliographical research in which we aim to discuss the reading of the jubilant assumption of the black baby carried out by the psychoanalyst Isildinha Baptista Nogueira and to identify some of its main clinical-political implications. According to our analysis, this reading is specifically supported

1 Parte das discussões deste artigo estão presentes na dissertação intitulada *Notas de um bastardo do Ocidente: tensões entre a psicanálise, o problema negro e a literatura* (Moura, 2024), defendida em 28 de agosto de 2024 e depositada no repositório digital da biblioteca da Universidade Federal de Goiás (UFG).

by the contributions of two other theorists in the psychoanalytic field, Frantz Fanon and Neusa Santos Souza. Based on their contributions, a particular interpretation of the phenomenon emerges, in which the negative aspects of the identification processes are foregrounded, relegating other possible dimensions of this fundamental event in the constitution of psychic life. Finally, we aim to present a critical perspective on this reading, as well as to discuss its clinical-political implications. The theoretical contribution relates to psychoanalytic theory and its possible reach in the context of critique of the culture.

Keywords:

Mirror stage; Jubilant assumption; Identification; Black baby.

Los impasses de la jubilosa asunción del bebé negro: una discusión clínico-política

Resumen

Este trabajo es el resultado de una investigación bibliográfica en la que buscamos discutir la lectura de la asunción jubilosa del bebé negro realizada por la psicoanalista Isildinha Baptista Nogueira e identificar algunas de sus principales implicaciones clínico-políticas. Según nuestro análisis, esta lectura se apoya específicamente en los aportes de otros dos teóricos del campo psicoanalítico: Frantz Fanon y Neusa Santos Souza. A partir de estos aportes, se configura una determinada lectura del fenómeno, en la que los aspectos negativos de los procesos de identificación adquieren protagonismo, relegando otros posibles aspectos de este acontecimiento fundamental para la constitución de la vida psíquica. Finalmente, buscamos presentar una perspectiva crítica sobre esta lectura, así como discutir sus implicaciones clínico-políticas. La contribución teórica se refiere a la teoría psicoanalítica y a sus posibles alcances frente a la crítica de la cultura.

Palabras clave:

Estadio del espejo; Asunción jubilosa; Identificación; Bebé negro.

Les embarras de l'assomption jubilatoire du bébé noir : une discussion clinico-politique

Résumé

Ce travail est le fruit d'une recherche bibliographique visant à discuter la lecture de l'assomption jubilatoire du bébé noir réalisée par la psychanalyste Isildinha

Baptista Nogueira et à identifier certaines de ses principales implications clinico-politiques. Selon notre analyse, cette lecture s'appuie spécifiquement sur les contributions de deux autres théoriciens du champ psychanalytique : Frantz Fanon et Neusa Santos Souza. À partir de ces contributions, une certaine lecture du phénomène émerge, dans laquelle les aspects négatifs des processus d'identification occupent le devant de la scène, reléguant d'autres dimensions possibles de cet événement fondamental pour l'institution de la vie psychique. Enfin, nous cherchons à présenter une perspective critique sur cette lecture, ainsi qu'à discuter de ses implications clinico-politiques. La contribution théorique porte sur la théorie psychanalytique et ses portées possibles face à la critique de la culture.

Mots-clés :

Stade du miroir ; Assomption jubilatoire ; Identification ; Bébé noir.

O bebê negro, está claro, não é menos desejado que o bebê branco, para sua mãe que, inconscientemente, deseja o filho. Mas a criança do projeto e do desejo da mãe, certamente, não está representada no pequeno corpo negro, que o olhar materno, inconscientemente, tende a negar. *A mãe negra deseja o bebê branco, como deseja, para si, a brancura.* (Nogueira, 2021, p. 121, grifo nosso)

A recente publicação da pesquisa *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*, realizada pela psicanalista Isildinha Baptista Nogueira (2021) há mais de duas décadas no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo (Ipusp), trouxe à tona, novamente, a noção de “problema negro”, que há muito é discutida no meio psicanalítico. Por certo, a expressão problema negro foi empregada por diversos críticos da cultura moderna, e a concepção trabalhada pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon (1952/2020), concepção que se debruçava sobre a incidência do colonialismo no *continuum* da vida psíquica e cultura, foi a mais sofisticada e a mais longa nas discussões acerca dos fenômenos relacionados às heranças desse tipo de dominação. Nesse sentido, acreditamos que a implicação principal de sua leitura crítica tenha sido a sustentação de discussões contemporâneas ao teórico, e sua concepção de problema negro reapareceria nos trabalhos de diversos intelectuais da diáspora,² como em Neusa Santos Souza,

² Assim como defende Munanga (1986/2020, pp. 78-79), originalmente, o uso dessa palavra estava relacionado ao “estabelecimento dos judeus fora de sua pátria, à qual se acham vinculados por fortes laços históricos, culturais e religiosos”. Contudo, ao longo do florescimento das críticas anticoloniais, a utilização desse termo começou a ser empregada, também, à condição dos povos africanos sequestrados, sendo, hoje, “[utilizada] para designar os negros de origem africana deportados para outros continentes e seus descendentes”.

Lélia González e a já citada Isildinha Baptista Nogueira. Essa sua concepção e os trabalhos de teóricos posteriores a Fanon denotariam o caráter “problemático” da experiência negra, entendendo-a como algo que confronta uma ordem estabelecida e transmitida simbolicamente, uma em que o normal, o neutro da humanidade, corresponderia à brancura (Fanon, 1952/2020).

Com isso em vista, apresentamos este trabalho, que se centra na discussão atual acerca dessa perspectiva, que há tanto anima o debate no campo da psicanálise acerca dos possíveis destinos da experiência negra em nossa cultura, tão expresso na clínica atual. Enxergar a experiência negra pelas lentes de um “problema” poderia resumi-la unicamente aos aspectos que concernem a uma aridez simbólica dos discursos e à sua falta de recursos positivantes quanto à negrura (Musatti-Braga & Rosa, 2018; Rosa, Binkowski, & Souza, 2019), expressada em um desamparo discursivo e em sua série de efeitos subjetivos: a angústia, a culpa, a vergonha e a humilhação social (Lima & Lima, 2020; Rosa, 2022). Para além disso, o que conseguimos abstrair desse olhar que se conforma pela lente do problema negro é uma possível condenação da experiência subjetiva negra — ao menos no campo metapsicológico, ou seja, da teorização que se espelha na práxis clínica — a uma anulação de si; anulação abrangida pela anulação coletiva da negrura em nossa cultura. Por isso, resgatamos o trabalho de Nogueira (2021) e o tomamos como disparador em nossa discussão a partir da crítica realizada por Musatti-Braga (2021) sobre a leitura empreendida na obra acerca da assunção jubilatória do bebê negro.

Em suma, a assunção jubilatória concerne à identificação daquilo que virá a ser um sujeito com uma imagem, que assume um *status* totalizante de *gestalt* — identificação que é assegurada pelo cuidador, por quem ocupa a função materna (Lacan, 1949/1998). A análise de Nogueira (2021), por sua vez, entenderia que a assunção jubilatória do bebê negro seria uma experiência de sobreposição do racismo, de transmissão e continuidade, uma vez que o bebê do projeto e desejado pela mãe negra seria um bebê branco, incompatível com o refletido no espelho. Acreditamos que essa análise, ainda que pungentemente crítica, teria implicações clínico-políticas quanto à maneira como concebemos a experiência negra a partir da psicanálise, e o objetivo principal deste trabalho consiste em identificar quais seriam essas possíveis implicações. Quanto aos objetivos específicos, pretendemos avaliar tanto aquilo que se formou como base para a estruturação da leitura de Nogueira (2021) quanto a crítica posterior, em especial a realizada por Musatti-Braga (2021).

Por certo, tanto a leitura de Fanon (1952/2020) quanto a de Nogueira (2021) não se formaram alheias a seu contexto cultural. Formaram-se a partir de um campo de produção de crítica da cultura, que, vale ressaltar, não se restringia às produções psicanalíticas de sua época, mas mantinha um insistente diálogo com

essas. Esse diálogo produziu, conseqüentemente, uma leitura acerca dos fenômenos relacionados à experiência negra, tomando, em geral, o caminho da negatização, ou seja, do não branco/não neutro/não humano como o referencial. Aqui, é importante discriminar que isso que chamamos de “negatização” não condiria, exatamente, com a negatividade sustentada pela psicanálise como saída para uma ontologia não substancial — uma em que não existiria uma substância imutável e fixa quanto ao sujeito, como sustenta David-Ménard (2001). Assim, isso que chamamos de negatização se trataria, evidentemente, de seu oposto: de uma cristalização do sujeito identificado com a negrura, traduzida por uma negação àquilo que remeteria ao não ser branco/não ser neutro/não ser humano.

Uma pesquisa, já do campo da psicanálise, que exemplifica essa perspectiva é a dissertação de mestrado *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, de Neusa Santos Souza (1983/2021), defendida no Programa de Pós-graduação do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ipub-UFRJ) e republicada recentemente, em 2021. Esse trabalho pioneiro, que se propõe uma reflexão sobre o problema negro com base no aporte teórico psicanalítico, tem como sua produção principal o exame de que a integração do negro em ascensão social na sociedade de classes brasileira operaria a partir de uma lógica de exceção. Essa lógica condiria com a anulação dos aspectos fenotípicos e culturais que estivessem associados ao que convencionamos, coletivamente, chamar de “negro”. Assim, segundo as considerações dessa pesquisa, o sujeito negro em ascensão social buscaria se afastar de sua negrura, tendo em vista que o referencial simbólico desejado e investido narcisisticamente seria um que Souza (1983/2021) reconhece como branco.

Diante desse aspecto normativo — aspecto condizente com a brancura —, o sujeito negro em ascensão social elegeria, na história de seu mito individual, um ideal de Eu branco, entendendo que o “branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem-sucedido (...) branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se” (Souza, 1983/2021, p. 65). Evidentemente, a anulação coletiva do negro na cultura teria correspondência ao mito individual: “na construção de um Ideal de [Eu] branco, a primeira regra básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer ‘mancha negra’” (Souza, 1983/2021, p. 66). Ainda segundo os apontamentos de Souza (1983/2021), esse sistema Supereu e ideal do Eu seriam transmitidos intergeracionalmente pela importância dada pelos antepassados à brancura e à possibilidade de embranquecimento a partir de relacionamentos inter-raciais, uma vez que “[estes] ocupam um lugar privilegiado na história do negro, particularmente do negro brasileiro. Substancialmente investidos de energia libidinal, suas pa-

lavras têm estatuto de verdade e força de lei e seus projetos não realizados são o destino dos descendentes” (Souza, 1983/2021, p. 67).

Aqui, chegamos ao ponto central das considerações de Souza (1983/2021): a relação de tensão existente entre Supereu e o ideal do Eu — que é generalizada na vida psíquica de sujeitos não psicóticos —, nos sujeitos negros, “caracteriza-se por uma acentuada defasagem traduzida por uma dramática insatisfação, a despeito dos êxitos objetivos conquistados pelo sujeito” (Souza, 1983/2021, p. 71). Esse ideal que é colocado no horizonte simbólico desses sujeitos seria incompatível com a experiência vivida do negro — a experiência em que o sujeito percebe-se determinado por sua negrura (Fanon, 1952/2020; Judy, 1996), causando, segundo a leitura de Souza (1983/2021), saídas genéricas. A primeira, que aponta para uma condição psicopatológica, é agrupada pela psicanalista sob a égide da melancolia, compatível com o paradigma freudiano de um adoecimento do tipo narcísico e que denunciaria a falência do Eu: “sentimentos de culpa e inferioridade, insegurança e angústia atormentam aqueles cujo [Eu] caiu em desgraça diante do [Supereu]. A distância entre o ideal e o possível cria um fosso vivido com efeito de autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica” (Souza, 1983/2021, p. 73). A segunda saída genérica elencada pela teórica não diria de um direcionamento clínico, mas de uma implicação com a militância social, uma que prezasse pela possibilidade de dismantelar a dominância da brancura como ideal coletivo de neutralidade e, acima de tudo, ideal coletivo de humanidade.

Fica evidente a ressonância do pensamento de Souza (1983/2021) naquilo que Nogueira (2021) apresenta em sua leitura da assunção jubilatória do bebê negro, entendendo que os discursos que fazem laço em uma sociedade de hegemonia branca veiculariam o investimento narcísico coletivo direcionado à brancura: “isso significa que todo ato da mãe para com a criança é parte de um discurso que se expressa em todos os movimentos e atitudes do outro com quem a criança se identifica, e no qual se manifesta o desejo materno [desejo de brancura]” (Nogueira, 2021, p. 115). A resposta do bebê negro, para Nogueira (2021), diria de um reconhecimento na imagem do espelho, mas sua negação em vista do que a pele negra representa no registro simbólico, representação que González (2020, p. 77) chama de “a lata de lixo da sociedade brasileira”: um lugar de despejo, de dejetos e abjeção. Novamente, chegamos à dinâmica de anulação e negação de si, já destrinchada por Fanon (1952/2020) décadas antes.

É certo que essa crítica, empreendida por Fanon e continuada por Souza e Nogueira, corresponde a uma parte da experiência vivida do negro e da experiência subjetiva de destinos para a negrura em nossa cultura. No entanto, dada a emergência de sua denúncia, há uma generalização dessa nas pesquisas e discussões

na academia e nas escolas de formação em psicanálise, tomando a experiência negra, por exemplo, apenas como a experiência do racismo. É nessa direção que a psicanalista Ana Paula Musatti-Braga (2021) caminha em seu livro *Os muitos nomes de Silva: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras*. Nele, há discussão, resgate e crítica dessas produções no campo da psicanálise, a fim de entender que esses discursos hegemônicos, que veiculam frequentemente a lógica de negação da negrura, não recobririam o campo social como um todo. Essa sua hipótese é defendida por uma entrevista extensa com Silvana — nome fictício da entrevistada e que, ao longo do trabalho, dá lugar a outros nomes, e por isso o título do livro.

Silvana, mulher negra, em seu depoimento, expressa o que há no contrapelo dos discursos hegemônicos que fixam a subjetividade negra ou na lata de lixo da sociedade brasileira, ou no negativo. Na entrevista, encontramos uma pessoa que não se identifica com um discurso rígido e atroz quanto à negrura. Pelo contrário, o depoimento de Silvana, analisado por Musatti-Braga (2021), expressa o caráter contínuo dos processos identificatórios, não sendo nenhum deles compatível com a negatização, com a anulação e com a negação de si. Silvana, crescida em um contexto em que os referenciais quanto à negrura eram positivantes e se expressavam nos costumes, nas práticas religiosas de matriz africana, no conhecimento medicinal popular e na construção de ideal de família que foge do modelo burguês-nuclear, rechaça os postulados desumanizantes dos discursos hegemônicos. É nesse ponto que Musatti-Braga (2021, p. 332), retomando Lacan, descreve como “o Outro não encerra um saber absoluto (...) o campo discursivo não pode ser tomado como um universo que teria um ponto de fechamento”. Assim, Musatti-Braga (2021, p. 332) assume que as inscrições dos sujeitos no discurso do Outro não estariam fixadas de maneira rígida: “elas dependem das práticas falantes e passam por modificações ao longo da história e por deslocamentos que, embora escapem do controle das vontades individuais (...) cada um tem, quem sabe, condições de inscrever uma pequena modificação com sua fala”.

Assim, voltando à cena do estádio do espelho, analisada por Nogueira (2021), e à sua consideração de que há uma incompatibilidade entre o bebê do reflexo e o desejo materno, Musatti-Braga (2021) aponta que, ainda que o olhar que nomeia e que constitui o *infans* seja marcado pelo discurso de desqualificação social, seria arriscado afirmar que a criança negra, ao olhar-se no espelho, não reconheça uma imagem remetente ao desejo materno. Para Musatti-Braga (2021, p. 300), “a pele negra pode remeter a diversas representações depreciativas, a ela associadas pelo discurso racista, mas podemos supor que o que se vê a partir dela pode não ser pautado completamente por essa desqualificação oriunda do discurso ideológico”. Para a psicanalista, essa leitura apontaria ainda para a perpetuação do horror,

que está presente nos trabalhos críticos de Fanon (1952/2020), Souza (1983/2021) e Nogueira (2021), revelando ainda o gozo subjacente ao movimento da negação — gozo que, talvez, também paute a insistência na negativização generalizada nos trabalhos e nas discussões contemporâneas.

Por fim, acreditamos ser possível identificar ao menos uma das implicações clínico-políticas dessa leitura que foi tomada como metonímia de todo um espólio crítico e clínico, mas que exemplifica, sucintamente, como resumir a experiência da negrura a destinos negativizantes é arriscado e pode incorrer, inclusive, em posição próxima à dos discursos criticados. Essa afirmativa se aproxima da advertência do filósofo continuador do pensamento fanoniano Lewis R. Gordon (2015), que nos lembra, ao criticar a noção de problema negro, como “os negros não são o problema. O problema é a tendência de construir os negros como o problema, e os brancos produziram essa construção”.³ Tendo em vista essa afirmação e pensando na práxis clínica, um dos possíveis efeitos dessa insistência na negativização seria a insensibilização da escuta dos analistas, assim como o embotamento da associação dos analisantes, ambos presos na rigidez da determinação do *locus* que ocupam no campo social e no discurso dominante, rigidez que, *per se*, é contrária ao trabalho visado pela clínica. Portanto, o caráter político e, não obstante, clínico disso que buscamos circunscrever como as implicações da leitura empreendida por Nogueira (2021), mas já há tanto presente em nossa cultura, esbarra em uma evocação própria da psicanálise: convém que falemos, que elaboremos e que teorizemos acerca do problema negro, mas, principalmente, para além dele.

Referências bibliográficas

- David-Ménard, M. (2001). La négation comme sortie de l'ontologie. *Revue de Métaphysique et Morale*, (2), 59-67.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas* (S. Nascimento, Trad.). São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1952)
- González, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gordon, L. R. (2015). *What Fanon said: a philosophical introduction to his life and thought*. London: Hurst & Company.
- Judy, R. A. (1996). Fanon's body of black. In L. R. Gordon, T. D. Sharpley-Whiting, & R. T. White (Eds.), *Fanon: a critical reader* (pp. 53-73). Massachusetts: Blackwell Publishers Inc.

3 Tradução nossa para: “blacks themselves are not the problem. The problem is the tendency to construct blacks as the problem, and whites produced that construction”.

- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lima, P. M. R., & Lima, S. C. (2020). Psicanálise crítica: a escuta do sofrimento psíquico e suas implicações sociopolíticas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-15. Recuperado em 30 de junho, 2025, de <https://doi.org/10.1590/1982-3703003190256>
- Moura, L. P. de. (2024). *Notas de um bastardo do Ocidente: tensões entre a psicanálise, o problema negro e a literatura*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. Brasil. Recuperado em 30 de junho, 2025, de <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/b52035f5-6ebb-4958-a499-b22941ad834d>
- Munanga, K. (2020). *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1986)
- Musatti-Braga, A. P. (2021). *Os muitos nomes de Silva: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras*. São Paulo: Blucher.
- Musatti-Braga, A. P., & Rosa, M. D. (2018). Articulações entre psicanálise e negritude: desamparo discursivo, constituição subjetiva e traços identificatórios. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as*, 10(24), 89-107. Recuperado em 30 de junho, 2025, de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/575>
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva.
- Rosa, M. D. (2022). Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42, 1-10. Recuperado em 30 de junho, 2025, de <https://www.scielo.br/j/pcp/a/6RKgPXpGHZ8YwHd9PHGtnf/>
- Rosa, M. D., Binkowski, G. I., & de Souza, P. S. (2019). Tornar-se mulher negra. *Clinica & Cultura*, 8(1), 86-100. Recuperado em 30 de junho, 2025, de <https://ufs.emnuvens.com.br/clinicaecultura/article/view/14864>
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1983)

Recebido: 30/04/2024

Aprovado: 20/05/2024